

**JEN BESSER
E SHANA FESTE**

*Dirty
Diana
Apaixonada*

TRADUÇÃO
ANA MENDES LOPES

Para Carin e Toni.

Pensem no caminho mais longo para casa
Devíamos ter ficado em casa e pensado noutro lugar?

– ELIZABETH BISHOP, «Questions of Travel»

Prólogo

Gosto imediatamente dela. É alta, loura e exprime-se bem. Conta-me, com um sorriso, que se chama Brigitte. Gosto do seu nome inventado e repito-o em voz alta sempre que posso: *Sente-se, Brigitte. Posso oferecer-lhe algo para beber, Brigitte?*

Senta-se na cadeira à minha frente e começo a gravar.

– A minha fantasia passa-se em Paris – diz-me.

Sorrio. Paris é o pano de fundo para as fantasias de tantas pessoas.

– Conte-me tudo.

Estende as pernas em frente ao corpo e cruza-as pelo tornozelo. Enquanto fala, mexe no conjunto de pulseiras de contas coloridas que usa ao pulso.

– Cresci numa cidade pequena minúscula perdida no meio do nada. Tão perdida que deixaram de anunciar o número de habitantes nos cartazes, tão depressa os números iam diminuindo. Uma pessoa passava na estrada e pensava, «Mas vive *mesmo* aqui alguém?» por isso, como é natural, apaixonei-me por todos os outros lugares do mundo. Sobretudo por Paris. Por tudo o que fosse francês. Desde os meus doze anos que sonhava em ir de lua de mel para Paris. Era o local de um filme com a Audrey Hepburn que vi em casa da minha avó, em Seguin, no Texas. Enquanto víamos o filme, ela aspergiu-nos a ambas com perfume francês, para aumentar a sensação de que estávamos em Paris. Quando fui para a universidade, tinha um poster da

cidade na parede do meu quarto. As minhas colegas de casa tinham cartazes de bandas ou estrelas de cinema, mas eu sonhava com os Campos Elíseos. As luzes brilhantes e a chuva fascinavam-me. Sentia que Paris era o meu destino. Todas as noites, enquanto adormecia, me questionava se a chuva francesa teria a mesma textura que a do Texas.

»Mas depois casei-me e assim que o meu marido me levou para o parque aquático Texas Typhoon em vez de me levar a Paris para a nossa lua de mel, percebi que estava perdida. Para dizer a verdade, creio que já sabia que estava perdida antes. Não sei como explicar de forma coerente como pude escolher alguém tão insonso para mim. Até o seu nome me inundava de um temor inquieto e silencioso. Eu seria a senhora Smith, uma de milhões que existem por este mundo fora. Mas éramos jovens, ele jogava futebol americano e gostava de mim, por isso achei que devia gostar dele também. O casamento foi bonito. A minha mãe arranhou-me o cabelo e fez o mesmo penteado que fizera ao seu quando era uma Rangerette. Mas por entre os convidados havia imensos familiares do meu marido e amigos destes. Eu não conhecia nem metade e logo que cheguei ao meu próprio casamento, senti que todos me inspecionavam. Não há outra forma de o dizer. Atravessei o corredor da igreja com um delicado véu azul-acinzentado, que seria o meu «algo azul». A minha intenção era fazer as coisas de forma diferente, não me limitar às expetativas frívolas das cidades pequenas – queria fazer uma homenagem à elegância parisiense para que a minha avó, que estava no céu, sorrisse ao ver-me.

»Quando cheguei ao altar, onde estava o meu marido, a expressão do seu rosto era tão plana que parecia ter amassado a cara com um rolo de cozinha. Aproximou-se de mim e pensei que ia dizer-me que estava linda, mas, ao invés, sibilou em frente a todos os convidados: «Foi *isso* que decidiste vestir hoje?» Olhei para o mar de desconhecidos e, enquanto todos me fitavam, senti uma enorme humilhação a abater-se sobre mim, como uma onda que me puxava para baixo. Até as fotografias do casamento saíram mal. O meu marido colocava-me em poses estranhas e desconfortáveis. E o mesmo se passava na cama. Tudo girava à volta da tentativa de mantê-lo excitado, o que

normalmente significava que devia manter-me quieta, ou não falar, ou dizer coisas que não queria dizer, palavras que me faziam sentir feia e usada. A cidade ficou chocada quando ele me trocou por uma modelo mais nova que conheceu durante uma viagem de fim-de-semana a Port Aransas. Mas, para ser franca, fiquei aliviada. Fiquei mesmo aliviada. Queria ver coisas, sentir, saborear tudo e nunca mais ser insípida ou provar nada insípido.

»Na minha fantasia tenho um correspondente parisiense. É algo que vi nos filmes antigos da minha avó. Eu e este homem escrevíamos páginas e páginas um ao outro. Falamos das nossas vidas, de onde vivemos, com o que sonhamos. Depois começámos a escrever sobre as coisas que nos excitavam, partilhámos até fotografias nuas que tirava e imprimia antes de as enviar nos envelopes. E quando trocávamos a quinta carta, descobrimos uma ligação partilhada. Ele contou-me que o que o atraiu para o mundo do BDSM foi a comunicação. Passara recentemente por um divórcio porque a comunicação entre o casal fracassara. Não conseguiam conversar um com o outro. «Se quiseres entrar no BDSM, tens de saber dizer o que queres, quando o queres, quais são os teus limites e a tua lista de ‘nãos’; além disso, não podes transgredir, senão és expulso da comunidade». A sua carta seguinte trazia um bilhete de ida e volta para Paris e a única coisa que ele queria em troca era ser disciplinado. Por mim.

»Na manhã seguinte, fui para o aeroporto e parecia que estava a fugir da minha vida. O voo foi longo, mas assim que entrei no avião comecei a praticar ser uma pessoa diferente. O homem na alfândega francesa sorri-me como se soubesse para onde vou e o que concordei fazer. Quando aterrei estava a chover. Era perfeito, porque eu própria já me sentia a ficar molhada.

»No meu quarto de hotel, observei o relógio *Art déco* com impaciência, como o que a Audrey Hepburn tinha no seu filme antigo – a diferença era que ela não ia encontrar-se com um desconhecido que concordara em ser tratado como submisso.

»O carro chegou pontualmente, com o meu correspondente no seu interior. Ele ainda é mais bonito ao vivo, uma mistura exata de James

Bond e de vilão. Ainda bem que estava tanto frio em Paris. Sentia os meus mamilos ainda mais duros por baixo da combinação de cetim verde que ele deixara no quarto para mim. Os saltos pretos eram os mais altos que já usara na vida e quando saímos para o clube, quase tropecei na calçada parisiense. No cabelo, usava a coisa mais importante de todas, que levava sobre o meu colo durante todo o voo.

– Desejas que te leve ao colo o resto do caminho, Mistress?

– Podes levar-me, sim.

»Ele pegou-me ao colo e apoiei a cabeça no seu peito.

»Depois de passarmos por uma corda de veludo, levou-me através de uma escadaria azul – descemos e continuámos a descer, eu ainda aninhada nos seus braços. Os meus olhos demoraram um instante a habituar-se à escuridão do clube, mas durante o tempo todo conseguia sentir o aroma inebriante de uma mistura de incenso e rosas da Bulgária e quanto mais descíamos, mais extasiada me sentia.

»Quando me pousou no chão, pensei que estávamos nas entranhas do clube. Estava deitada numa *chaise lounge* exuberante e o teto de espelho refletia a minha imagem. Estava linda de morrer, mais bonita do que nunca.

»Ele veio na minha direção de gatas, suplicante, devoto e entregou-me uma pasta de couro preto. A pasta abriu-se com um estalido. De todos os instrumentos que tinha ao meu dispôr, escolhi uma gargantilha com pérolas encrustadas e pu-la em redor do pescoço grosso dele. Havia qualquer coisa extremamente sensual em pôr um objeto daqueles em feições tão masculinas como as suas.

– Que bonito que ficas com isto – disse-lhe.

– Muito obrigado, Mistress.

»Ele ajoelha-se, a cabeça a escassos centímetros da minha enquanto prendo uma corrente pesada à gargantilha. Ele já está a arfar e olha para mim, um homem algures nos quarenta, a fitar-me com olhos de cachorrinho. «Faz o que te mando», disse-lhe. «Sim, tudo», respondeu ele. A iniciativa tinha sido sua, mas agora entregava-me as rédeas.

»A pila dele era como um bastão, dura como pedra e protuberante. À medida que os meus olhos se habituavam à escuridão, percebi que

não era a única que o admirava. Que agora estava uma multidão à nossa volta. Corpos bonitos, de tacões altos e de máscaras no rosto.

– Excitas-me tanto – disse-me.

»As pessoas à nossa volta começaram a tocar-se. Tinham noção de que estavam a assistir a uma atuação. Mulheres de pernas afastadas com os dedos enfiados nos seus próprios corpos. Homens, de olhos semiabertos, a acariciar vagarosamente as suas ereções crescentes.

– Agrado-te? – perguntou-me ele.

»Pensei na sua pergunta. Ele agradava-me? Eu gostava daquelas coisas? Observei o meu corpo. Olhei em redor, para os olhos de desconhecidos que me fitavam também. Sentia o corpo inchado, a pulsar de desejo. Sim. Puxei o cabelo do meu pequeno malandro. «Sim?», insistiu ele.

– Diz-lhes que tirem as máscaras – ordenei.

– Mas precisam de manter o anonimato.

– Diz-lhes que tirem as máscaras – repeti com dureza.

»Ele virou-se e falou com o resto das pessoas, que se entreolharam e começaram a retirar as máscaras. Ótimo. Agora conseguia ver os seus rostos, não apenas as mãos que se acariciavam, não apenas o som da respiração breve, não apenas o seu prazer.

»Olhei para o meu reflexo no teto. Algures ao longe, lá em cima da rua, ouvi o ruído da chuva.

– Diz-me que eu sou diferente.

– Tu és diferente – respondeu ele, obediente.

– Diz-me que sou especial.

– És tão especial, porra – disse ele, rastejando debilmente em direção às minhas pernas antes de as afastar. Fitou os meus olhos em busca de aprovação e eu assenti, como se fosse a líder de um culto e ele o meu devoto. – És tão especial que consigo saboreá-lo em ti.

»Os convidados começaram a acelerar os movimentos das mãos em redor das pilas.

»A seguir, dei-lhe uma bofetada.

– Posso fazer-te vir, Mistress?

– Não mereces fazer-me vir.

– Suplico-te!

»Puxei a corrente da gargantilha de pérolas até ele ficar novamente pressionado contra o meu pescoço e murmurei: «Diz-me que nunca mais vou voltar para aquela cidade».

– Nunca mais vais voltar para aquela cidade – repetiu ele.

– Agora, podes! – ordenei e ele penetrou-me com a pila.

»Movimentámo-nos com a emoção de estarmos finalmente juntos. Movimentámo-nos com sofreguidão e ele começou a explorar ritmos e velocidades diferentes, até me sentir perdida no seu movimento, a puxar a corrente para ele ir mais fundo, com mais força.

– Que se foda aquela cidade – disse ele e o nosso público aplaude e solta vivas. Senti-me a chegar mais perto do êxtase, um êxtase que nunca experimentara com homem nenhum.

– Terei de regressar? – ouvi-me perguntar.

– Nunca! – Quase gritou enquanto me fodia com tanta dedicação que o seu reflexo no espelho é um borrão de movimento indistinto.
– Estás livre!

»Vim-me com tanta força que vi estrelas. Vi estrelas como as que ilustravam o meu cartaz dos Campos Elíseos.

»Larguei a corrente e senti o corpo inerte.

»Permiti que o meu corpo estremecesse com as ondas de choque que me sacudiram depois do orgasmo e ele levantou o meu véu de noiva azul-acinzentado com delicadeza, para eu poder admirar o meu rosto satisfeito no espelho do teto.

»Murmurei qualquer coisa ao seu ouvido e ele sorriu, repetindo exatamente as palavras que lhe disse: «Mistress? Amas-me?»

– Não – respondi-lhe. – Nunca te amei.

PARTE UM

*Dallas,
Texas*

Capítulo 1

A L'Wren estaciona o carro junto ao *valet* em frente à Galeria Hunt e observamos a multidão chique que ali se reúne.
– Quem é este tipo, afinal?

Pessoas bem vestidas espalhavam-se no passeio, fora da galeria. Não têm exatamente o aspeto que imaginara – são mais velhas e se não forem podres de ricas, pelo menos vivem bem.

– Obrigada por vires comigo.

– Claro que viria contigo. Para que servem as melhores amigas? Mas, a sério, quem é este tipo?

– Um velho amigo do Novo México – respondo. – Mas quando nos conhecemos ele não era assim tão popular.

Ajusto o meu batom ao espelho uma última vez e sinto a pulsação a acelerar perante a ideia de voltar a ver o Jasper. Penso em todas as formas de reagir com descontração e normalidade. Inspiro: *Isto foi uma boa ideia*. Expiro: *Isto foi uma ideia terrível*.

O Jasper foi o meu primeiro amor, alguém que não voltei a ver durante quase quinze anos e que reencontrei na semana passada. Ele estava na cidade. Encontrámo-nos para beber um café. O encontro deixou-me agitada durante toda a semana. Para começar, porque não estava preparada para o ver. Julguei que ia encontrar-me com um

contacto de trabalho, uma espécie de encontro às cegas arranjado pela minha amiga Alicia. Quando levantei os olhos e vi o Jasper, senti que nem conseguia respirar.

Era mais alto do que me recordava, com pernas mais compridas e ombros mais largos. Quando se sentou à minha frente, a mesa e tudo o que me rodeava parecia ter encolhido. A minha mente ficou a mil, tentando entender como e por que razão estava ele ali, mesmo à minha frente – mas a única coisa que o meu cérebro conseguiu conjurar naquele momento foi uma memória com mais de uma década: nós os dois, deitados numa cama, o Jasper a perguntar-me se gostava da forma como a luz do sol se espalhava sobre os nossos corpos nus.

– Diana. – O sorriso do Jasper era caloroso e pausado. – Obrigado por aceites reunir comigo. – Apoiou os cotovelos sobre a mesa e o rosto nas mãos. – Eu e a Alicia achámos que seria uma surpresa engraçada. E pareceu-me uma ideia mesmo muito boa, até há instantes, quando estava lá fora e te vi através da janela.

Ao pensar que estive a observar-me, senti a ponta das orelhas a aquecer. Desejei ter penteado melhor o cabelo naquela manhã, em vez de o usar num coque desajeitado. Desejei ter vestido qualquer coisa mais sensual e não uma t-shirt azul, velha, do Oliver.

– Bem – sorri-lhe. Não contive uma gargalhada. Ali estava ele: olhos castanhos-escuros, cabelo escuro e lábios rosados. – É, de facto, uma surpresa.

Ao longo dos anos, imaginei o Jasper tantas vezes, mas resisti sempre à vontade de o procurar online. Agora que estava à minha frente, percebi como a minha imaginação fora modesta – deixei de fora todas as suas dimensões familiares e esquecera completamente como era excitante a sensação de estar tão perto de um corpo que contém toda a sua energia à superfície. *A Nova Sensação Artística*. Os olhos sedutores. A pele suave e o rosto bonito, mas não perfeito.

Inclinou a cadeira para trás e cruzou os braços atrás da cabeça, o carisma perfeitamente na mesma.

– Tentei ligar-te, sabes. Quando voltei daquela primeira viagem a Londres. Mas o teu número estava desligado.

Foi tudo há tanto tempo que agora, aqui sentada à sua frente, não me recordo honestamente se o fiz de propósito ou não. Se enquanto batalhava com o meu coração destroçado mudei de número quando me mudei de Santa Fé para Dallas, ou se era apenas tão jovem e tesa que nem conseguia pagar a conta do telemóvel e andei uns tempos sem o ter ligado.

– Achei que tinhas seguido o teu caminho – disse ele.

Reparei que as pessoas olhavam para o Jasper. Alguns clientes fitavam-no demoradamente. Ele é tão atraente que é cómico. Trágico-cómico, como gosta de salientar, com os seus olhos por vezes lamentosos.

– Já foi há um milhão de anos.

– Há catorze. Quinze, talvez? – alvitra ele.

Mas não me apetecia voltar atrás no tempo. Sentia-me demasiado excitada por estar com ele aqui. Agora.

– Durante quanto tempo ficas em Dallas?

– Uma semana, talvez. Ainda não sei bem. – Levantou os olhos das mãos e encontrou os meus. Senti a pulsação a acelerar. – Gosto de estar aqui.

Ao observá-lo no outro lado da mesa, lembrei-me de uma noite gelada em que acampámos no Oeste do Texas e em que choveu durante horas. Não dormimos nem um minuto. Na manhã seguinte, meio zozna e trémula, esperei que ele estivesse pronto para arrumarmos as tralhas e irmos para casa. Mas ele limitou-se a olhar para mim na nossa tenda fria e com infiltrações e sorriu. «Ficamos mais uma noite?» Ele fazia sempre com que uma ideia terrível parecesse boa. Agora, estava a olhar para mim com a mesma expressão.

Ficámos assim – a observar-nos em lados opostos da mesa – durante o que me pareceram vários minutos. Senti o sangue a subir-me ao rosto e uma agitação familiar no meio das pernas. Ao fim de tantos anos, o calor entre nós não diminuía.

– Quando perguntei à Alicia o que andavas a fazer, ela reencaminhou-me para o site em que tens estado a trabalhar. Diana, assim que vi os teus quadros novos e ouvi a tua voz nas gravações, senti um orgulho

enorme em ti. – Parou de falar, subitamente embaraçado. – Não que eu tivesse alguma coisa que ver com o teu trabalho, claro, mas...

– É bastante louco, não é? – Decidi dar-lhe uma ajuda. – Tem positivismo sexual. Uma certa obsessão com sexo? Ainda não sei bem como o classificar.

– É tudo isso, sim. É incrivelmente *sexy*. Os quadros são lindos, crus. – Naquele instante, o telemóvel do Jasper tocou e pediu-me licença para atender na rua. Vi-o a caminhar em círculos e fiquei a observá-lo através da janela, interrogando-me se regressaria em breve. Era uma sensação familiar, esta de esperar pelo Jasper. Até que, quando chegou finalmente à mesa, pediu desculpa, mas tinha de ir embora.

– Vens à inauguração da minha exposição? É na quinta-feira, aqui em Dallas.

O meu coração comprimiu-se ao ouvir o dia, *quinta-feira*. Queria vê-lo já naquela noite. E na noite seguinte. E na que se seguiria a esta. Para quê, exatamente, não sabia. Por isso, prometi que iria à inauguração, enquanto pensava para comigo: *Isto é uma péssima ideia. Não é o momento. O sentido de oportunidade é terrível. Ele destruiu-te o coração, ou já te esqueceste?*

Despedimo-nos minutos depois, concordando que foi muito agradável reencontrarmo-nos. Fomos ambos extremamente educados, como se a simpatia pudesse tapar os buracos gigantescos que cavámos com todos os sentimentos que deixámos por verbalizar. O que dizemos a um quase desconhecido que foi, em tempos, a pessoa que mais amámos? A seguir, demos um abraço de despedida e o aroma dele quase fez com que as minhas pernas cedessem sob o meu corpo.

Como é evidente, passei o resto da semana a pensar se iria à inauguração ou não. Como seria voltar a vê-lo, agora que o fator surpresa já não existia? E por que razão *não* iria ver o seu trabalho? Ele estava aqui, em Dallas. Convenci a L'Wren a vir comigo, mas não lhe contei grande coisa. Enquanto nos comprimíamos na fila de pessoas que esperavam para entrar na galeria, ela foi ficando invulgarmente calada.

– L’Wren? – Deixei que o seu nome pairasse no ar como se fosse uma pergunta completa. Semicerrei os olhos para o sol do fim da tarde que se erguia mesmo por detrás do seu ombro e a seguir acrescentei: – Conta-me.

– Não é nada. A sério. – Os seus olhos desviaram-se dos meus em direção às sandálias e novamente para mim. – Estava aqui a pensar... O Kevin contou-me que ouviu dizer que o Oliver já não andava com a senhora da praça da alimentação.

Falei muito pouco com o Oliver desde que ele saiu de casa e ainda o vi menos vezes. Da última vez em que veio deixar a nossa filha, a Emmy, a casa, vi uma mulher sentada no lugar do passageiro do carro dele. Ficou ali sentada como imaginei que uma namorada ficasse – a sorrir educadamente, com os óculos de sol na cara, enquanto fazia um breve aceno na minha direção, mas sem querer evidenciar demasiado a sua presença. Tinha um sorriso amplo, com imensos dentes brancos e o cabelo curto e espetado, aquele tipo de corte que faz com que as outras mulheres acreditem que também lhes vai ficar bem. E apesar de ela poder ser astrofísica ou nadadora olímpica, como a L’Wren ouvira um rumor a dizer que ela e o Oliver se conheceram no centro comercial, numa demonstração de lealdade para com a nossa amizade, só se referia a ela como «a senhora da praça da alimentação».

– Só queria que estivesse na posse de todos os factos – insiste ela.
– Sobre a condição de solteiro do Oliver.

Observo a sua expressão, a boca ligeiramente curvada para baixo num esgar ligeiramente soturno. Achará positivo ou negativo o facto de o Oliver estar solteiro? Antes de conseguir decidir, muda completamente de assunto.

– Sempre quis aqui vir. – A fila avança e ela entrelaça o braço no meu, sorri. – O marido da Trish diz que comprou um Seok aqui por mais de cem mil. O teu amigo mistério deve ser bastante conceituado.

– Ele não é o meu amigo mistério.

– Então, achas que pode ser o meu? – Uma fotografia do Jasper dava as boas-vindas aos visitantes da galeria. O seu aspeto era o mesmo de

quando apareceu no café – covinhas no rosto e um charme natural, descontraído.

Assim que entramos, a L'Wren encontra um casal conhecido e eu esgueiro-me, avanço suavemente pela galeria, sempre alerta, não vá o Jasper aparecer repentinamente. Olho em redor do espaço. Ele será fácil de identificar, deve ter um séquito de admiradores a cirandar à sua volta.

Mas quando não o vejo em parte alguma, decido dar uma volta lenta pela sala e apreciar a mostra das suas obras. Deixo-me envolver com facilidade. As fotografias do Jasper são imponentes, fazem com que queiramos sustar o seu olhar imperturbável. Uma mulher sozinha no que parece ser uma paisagem desértica onde acabou de chover; o rosto estreito de um rapaz jovem à janela de uma casa delapidada. A mostra é mais diversa do que a última que fui ver, sobretudo pelo misto de paisagens e retratos.

Quando continuo sem o ver no meio da multidão, pego no telemóvel para lhe enviar uma mensagem.

Estou neste momento a ver as tuas obras. São lindas.

Não estou à espera de uma resposta – talvez esteja a preparar-se para chegar com um atraso propositado – mas mantenho o telemóvel na mão, não se vá dar o caso. Avanço por entre a multidão, que é mais densa junto ao bar e sinto um certo conforto em ser engolida pela turba. Deixo-me ir na corrente e movimento-me como mais um peixe do cardume, indo de uma fotografia à seguinte – até que uma fotografia a preto e branco, colocada junto à janela, me apanha desprevenida. Sou eu, uma versão mais jovem de mim, sentada na mesa da cozinha do Jasper, com o rosto virado para o lado oposto da máquina fotográfica. Estou nua, à exceção de um par de meias brancas e seguro na mão um biscoito para o cão que salta no ar.

Sinto os pés cravados no chão, mesmo quando este parece desaparecer debaixo de mim. O meu coração precipita-se e fecho os olhos para a sala parar de rodopiar. Forço-me a regressar a este lugar, a esta galeria e à multidão que me rodeia, tão longe daquela cozinha. Como se estivesse à espera da minha reação, o Jasper responde à mensagem.